



A contribuição das instituições de ensino superior para a educação empreendedora

Ricardo de Lima Ribeiro¹
Edson Aparecida de Araujo Querido Oliveira²
Elvira Aparecida Simões de Araujo³

Resumo

O empreendedorismo é a busca da oportunidade e da inovação na criação ou na manutenção de um empreendimento. A disseminação do espírito empreendedor tem impacto direto na geração de emprego, na renda e no desenvolvimento econômico. A partir desta perspectiva a educação empreendedora propaga-se pela sociedade. As responsáveis por esta difusão são, basicamente, as Instituições de Ensino Superior. Elas são capazes de oferecer importantes contribuições ao ensino do empreendedorismo. O objetivo deste artigo é analisar esta contribuição na formação de indivíduos empreendedores. Este estudo exploratório adotou, como procedimento de coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, além do método bibliométrico. Observou-se que mesmo com o crescente interesse a respeito do tema, o resultado está longe de atender às demandas da sociedade. As IES precisam implementar práticas conectadas com o dia a dia das empresas onde o aluno aprenda executando. Embora dissonante do ideal, as IES têm papel fundamental na transformação de alunos em empreendedores.

Recebimento: 20/10/2013 • Aceite: 20/04/2014

¹ Mestrado Acadêmico em Planejamento e Desenvolvimento Regional (UNITAU) – Universidade de Taubaté - ricaribeiro@uol.com.br

² Doutor Organização Industrial pelo ITA, Professor-pesquisador do Programa de Pós-graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, Brasil. E-mail: edsonaaqo@gmail.com

³ Professora-pesquisadora do de Pós-graduação em Planejamento e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté, Brasil. E-mail: elvirasaraujo@gmail.com

Palavras-chave: Gestão; Empreendedorismo; Educação Empreendedora; Ensino; Empreendedor.

The contribution of higher education institutions for entrepreneurship education

Abstract

Entrepreneurship is the pursuit of opportunity and innovation in the creation or maintenance of a new venture. The spread of entrepreneurship spirit has a direct impact on employment generation, income and economic development. From this perspective, entrepreneurship education spreads through the society. The responsible for this broadcast are basically the Institutions of Higher Education (IHE). They are able to provide important contributions to the teaching of entrepreneurship. The objective of this paper is to analyze this contribution in the formation of enterprising individuals. This exploratory study adopted as the data collection procedure, the literature, beyond the bibliometric method. It was observed that even with the growing interest on the subject, the result is far from meeting the demands of society. The IHE need to implement practices connected with the day to day business where students learn running. Although the ideal dissonant, IHE have a fundamental role in transforming students into entrepreneurs.

Keywords: Management; Entrepreneurship; Entrepreneurial Education; Education; Entrepreneur.

Introdução

Há uma propensão de longo prazo, na economia das nações em estágio mais avançado de progresso, tanto da redução do tamanho das corporações quanto do aumento do contingente de profissionais autônomos (FILION, 2000). Para opor-se a esta tendência, Guerra e Grazziotin (2010) defendem o empreendedorismo como maneira de proporcionar alternativa para uma maior quantidade de indivíduos adentrarem ao mercado de trabalho, por intermédio de pequenas e médias empresas inventivas que geram novos empregos e que contribuem para a elevação da arrecadação de tributos.

Hisrich e Peters (2000, p. 41) realçam esta opção, pois segundo os autores, esta é a “era do empreendedorismo”, apoiada por firmas, esferas governamentais, comunidade e instituições educacionais. Ressaltam, da mesma maneira, a relevância em disposição de disciplinas e estudos acadêmicos da educação empreendedora.

A justificativa desta pesquisa parte deste pressuposto, de que o ensino do empreendedorismo é uma das possibilidades que a sociedade pode optar para enfrentar este panorama de redução de postos de trabalho na economia moderna.

No intuito de acompanharem os progressivos desafios socioeconômicos e políticos provenientes da atualidade Henrique e Cunha (2008) identificam que as instituições de ensino superior (IES), ofertam em suas matrizes de graduação e pós-graduação o ensino do empreendedorismo.

Esta investigação espera responder se as IES estão preparadas para consubstanciar este ensino e pretende analisar a contribuição das IES na formação de cidadãos empreendedores. A instrução é fundamental na concepção do empreendedor. Para Hisrich e Peters (2004), sua essência transparece na aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento do empreendimento e, também, para subsidiar o empreendedor nas dificuldades que desafiam a sua capacidade de enfrentar as adversidades.

Ainda que uma educação formal não seja necessária para iniciar um negócio, ela realmente oferece uma boa experiência, em especial quando tem a ver com a área do empreendimento (HISRICH e PETERS, 2004, p. 80).

Método

O estudo realizado é exploratório. Para Gil (2010) a finalidade da pesquisa exploratória é oferecer um panorama global sobre

determinado tema pouco explorado e difícil de exprimir conjecturas precisas.

A pesquisa exploratória é o primeiro passo para uma investigação mais abrangente e seu resultado final é uma questão mais compreensível capaz de apuração. Levantamentos bibliográficos e documentais são normalmente utilizados quando seu objetivo é exploratório.

O procedimento adotado para a coleta de dados deste artigo foram as fontes de papel, basicamente pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos e dissertação de mestrado. Marconi e Lakatos (2010, p. 166) definem pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias como “toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses e material cartográficos”.

Gil (2010) ressalta, ainda, o uso de artigos científicos na execução desta pesquisa. A pesquisa bibliográfica, concluem Marconi e Lakatos (2010), proporciona a análise de um assunto através de um novo olhar e não a simples reprodução de algo falado ou registrado sobre este tema.

A bibliometria é a técnica adotada nesta investigação. De acordo com Cordeiro (2009, p. 24) “a bibliometria consiste num conjunto de técnicas e procedimentos úteis para quantificar e analisar literatura científica”. As técnicas e procedimentos bibliométricos são valiosos para examinar a essência bem como os procedimentos das ciências e todo processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de um saber (CORDEIRO, 2004).

As técnicas bibliométricas resumem Bufrem e Prates, (2005) são necessárias, entre outros, para identificar as tendências de pesquisa e o crescimento do conhecimento em diferentes disciplinas; identificar os autores e os usuários das diferentes áreas de interesse e identificar os principais periódicos de cada disciplina:

Hoje, comumente associado à medida, voltada a qualquer tipo de documento, o termo está relacionado ao estudo dos processos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação e designa também os processos e mecanismos avançados de busca on-line e técnicas de recuperação da informação. (BUFREM e PRATES, 2005, p. 11).

Esta investigação utilizou a bibliometria para reconhecer os principais autores e periódicos que versam sobre o ensino do empreendedorismo na área de administração. Destacou-se primeiramente a expressão “educação empreendedora”. Em virtude do número reduzido de artigos escolheram-se outras palavras como “empreendedorismo”, “educação”, “empreendedor”, e “empreender”.

Após análise individual dos artigos dos artigos pesquisados com essas palavras e nenhum registro obtido, realizaram-se outras combinações: a palavra “empreendedorismo” como título e “educação” como assunto; depois a palavra “educação” como título e “empreendedorismo” como assunto.

A base de dados, acesso dia 16 de outubro de 2012, utilizada para a seleção foi a Scientific Electronic Library Online – SciELO, uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.

Revisão da literatura

Ferreira, Reis e Pereira (2002) interpretam o empreendedorismo como a disposição de instituir negócios que geram empregos; de satisfazer alguma necessidade com a exploração de oportunidades e de manter a inovação sistemática no negócio, diferenciando-o e mantendo-o competitivo.

Kwasnicka (1995) o resume como um processo no qual um indivíduo cria, dirige, mantém, opera e controla um empreendimento buscando a obtenção de resultados específicos, desenvolvendo ou adquirindo competências que levem à geração de valor para os clientes, os funcionários e os acionistas (DORNELAS, 2008).

O empreendedorismo resume Maximiano (2004), estabelece os seguintes pressupostos: estímulo à iniciativa, responsabilidade e tomada de decisão; condescendência a falhas e falta de êxito; flexibilidade no uso dos recursos e tempo organizacionais; formação de equipes multifuncionais capazes de detectar oportunidades no ambiente; capacidade de explorar e transformar tais oportunidades em negócios reais (ANDREASSI et. al, 2011).

Drucker (2008) reconhece que o foco nas oportunidades cria uma receptividade para o empreendedorismo. O empreendedorismo fornece condições para que as pessoas busquem as oportunidades estimulando o trabalho em equipes polivalentes, quebrando algumas normas e regulamentos e estimulando a capacidade criativa. Identificar, capturar, desenvolver e implantar novas oportunidades define Dornelas (2008), demanda alterações na forma de como aplicar

os recursos na empresa e orientam a criação de novas habilidades empresariais.

A ênfase do empreendedorismo é a inovação e a sua matéria prima, a oportunidade. O novo antecipa a obsolescência de bens e serviços oriunda das transformações tecnológicas de um cenário volátil e dinâmico.

Para Drucker (2008), o empreendedorismo adota a inovação como parte essencial da rotina, a norma, a base para segurança de todo empreendimento, todos envolvidos no esforço da inovação (DORNELAS, 2008).

Tornar-se receptiva, desejar e conquistar a inovação elabora Drucker (2008), resguarda a empresa do envelhecimento e do declínio. “Todo organismo precisa eliminar seus produtos residuais ou se envenena” (DRUCKER, 2008, p. 211):

A inovação é o ato que contempla os recursos com a nova capacidade de criar riquezas. Não existe algo chamado de recurso até que o homem encontre um uso para alguma coisa na natureza e assim o dote de valor econômico (Drucker, 2008, p. 39).

Inovação é o melhor caminho para defender e perpetuar o empreendimento. Não compreender a inovação como uma ameaça é o comportamento exato para manter a saúde organizacional. Analisar e diagnosticar mercados, bens, serviços, canais de distribuição, processos e tecnologias garante que a empresa não é negligente na busca do novo. “Novos conhecimentos criam oportunidades de se fazer novas coisas de novas maneiras, que tornam as antigas obsoletas” (PINCHOT, 1989 p.9).

Drucker (2008) enfatiza que o empreendedorismo apoia a inovação ao criar uma diretriz de renunciar aquilo que está desgastado, obsoleto, improdutivo; de olhar os acontecimentos de forma diferente e de dissolver os obstáculos que impedem a inovação de acontecer (DORNELAS, 2008). Ter ciência que os produtos atuais são substituídos dentro de um prazo programável deixa as pessoas focadas na inovação e “ávidas por coisas novas”, reconhece Drucker (2008, p. 212).

O empreendedorismo, como um modelo de gestão orgânico e adaptativo (KAST e ROSENZWIEG, 1980), favorece a criatividade, a flexibilidade e a independência. Um modelo onde prevalece o desenvolvimento de expectativas, de metas e planos de ação; a

sugestão, a tentativa, a experimentação e a criação; e a recompensa pelos atos empreendidos.

O trabalho não é encarado como dever, e sim como prazer. (HISRICH e PETERS, 2004). Diferente segundo Drucker (2008), significativamente, da administração tradicional, uma estrutura burocrático-mecanicista (KAST e ROSENZWIEG, 1980), com seus sistemas de compensações e estímulos conservadores. Uma estrutura onde prevalece espera e apego às instruções; não tentar; não errar; não fracassar. Tem caráter hierárquico e pré-determinados procedimentos, relatórios e instruções.

Estimuladas a empreender as pessoas são inovadoras e criativas dentro do círculo da sua competência, concluem Kast e Rosenzweig (1980). É necessário estabelecer uma estrutura e um ambiente propícios às novas ideias para que o empreendedorismo se institua desde o início numa organização (DRUCKER, 2008), não apenas como um meio de se ampliar o nível de inovação (PINCHOT, 1989) e prosperidade (TAYLOR, 2008), mas como um sistema de se organizar o negócio de modo que o trabalho recupere a expressão alegre da contribuição da pessoa à sociedade (PINCHOT, 1989).

Ensino do Empreendedorismo no Brasil

A origem do ensino do empreendedorismo está associada aos cursos de administração de empresas como uma necessidade prática (LAVIERI 2010). Em 1947, o professor Myles Mace em Harvard Business School oferece o primeiro curso de empreendedorismo, chamado de Management of New Enterprises, para 600 alunos do segundo ano do MBA em Administração. Em fevereiro de 1947, 188 estudantes começam o curso. Um pouco mais tarde, em 1953, Peter Drucker agrega ao ensino de empreendedorismo o conceito de inovação e inicia o curso Entrepreneurship and Innovation, na New York University. (KATZ, 2003)

No Brasil o primeiro curso de empreendedorismo acontece em 1981, na Fundação Getúlio Vargas, como disciplina – Novos Negócios – na especialização em Administração para Graduados, ministrada pelo Professor Ronald Degen. O Quadro 1 demonstra a história do ensino do empreendedorismo no país, bem como seus protagonistas e os cursos mais relevantes.

Quadro 1: História do Ensino do Empreendedorismo no Brasil

História do Ensino do Empreendedorismo no País					
Ano	IES	Departamento	Nome da Disciplina	Curso	Professor Responsável
1981	Fundação Getúlio Vargas – SP	Administração de Empresas	Novos Negócios	Especialização em Administração para Graduados	Ronald Degen
1984	Fundação Getúlio Vargas – SP	Administração de Empresas	Criação de Novos Negócios – Formação de Empreendedores	Graduação em Administração de Empresas	Ronald Degen
1984	Universidade de São Paulo	Faculdade de Economia e Administração de Empresas	Criação de Empresas	Graduação em Administração de Empresas	Silvio Aparecido dos Santos
1984	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciência da Computação	Criação de Empresas	Graduação em Ciência da Computação	Newton Braga Rosa
1985	Universidade de São Paulo	Economia e Administração de Empresas	Criação de Empresas e Empreendimentos de Base Tecnológica	Pós-Graduação em Administração de Empresas	FEA USP
1996	Universidade Federal de Pernambuco	Ciência da Computação	Empreendedorismo	Graduação em Ciência da Computação	Fábio Silva e Hermano de Moura

Fonte: Elaborado a partir de Dolabela (2000)

O Quadro 1 demonstra que o ensino do empreendedorismo nasce dentro das faculdades de Administração de Empresas, mas transborda para outro curso como o de ciência da computação. O Quadro 2 ilustra esta propagação para outros cursos, outras IES, outros estados e outras entidades.

Quadro 2: Outras iniciativas de Ensino do Empreendedorismo no Brasil

Outras Iniciativas de Ensino de Empreendedorismo no País				
Ano	Entidade	Iniciativa	Objetivos	Responsável
1989	Fundação Getúlio Vargas	Centro Integrado de Gestão Empreendedora (CIAGE)	Realizar estudos sobre empreendedorismo	Profª Ofélia Lanna Sette Torres
1990	Universidade Federal de Minas Gerais	Grupo de Estudos da Pequena Empresa (GEPE)	Desenvolver estudos na área de empreendedorismo	Departamento de Engenharia de Produção Sebrae – MG
1992	Universidade de São Paulo	Programa de Formação de Empreendedores	Auxiliar profissionais da comunidade em abrir empresas	Faculdade de Economia e Administração de Empresas e Sebrae –SP
1992	Universidade Federal de Santa Catarina	Escola de Novos Negócios	Elaborar projetos universitários internos, externos e estabelecer parcerias com organismos internacionais	Universidade Federal de Santa Catarina
1992	Universidade Federal de Pernambuco	Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife - (CESAR)	Aproveitar resultados acadêmicos na indústria	Universidade Federal de Pernambuco Fundação de Apoio à Ciência do Estado de Pernambuco - (FACEPE)
1995	Universidade Federal de Pernambuco	Pré-Incubadora (precursora da incubadora Recife-Beat)		Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife - (CESAR) Associação para a Promoção da Excelência do Software Brasileiro - (SOFTEX)
1995	Escola Federal de Engenharia de Itajubá	Centro Empresarial de Formação Empreendedora de Itajubá - (CEFEL)	Inserir o ensino de empreendedorismo na instituição	Escola Federal de Engenharia de Itajubá
1995	Universidade	Escola de	Sensibilizar para o	Universidade

	de Brasília	Empreendedores	ensino do empreendedorismo	de Brasília e Sebrae – DF
1996	CNPQ	Projeto Gênese	Estimular a incubação universitária	Programa Softex
1996	CNPQ	Projeto Softstart	Estimular o ensino do empreendedorismo	Programa Softex
1996	PUC – RJ	Projeto Gênese para a Inovação e Ação Empreendedora	Desenvolver atividades nas áreas de incubação de empresas, de pesquisa e ensino empreendedorismo	PUC –RJ
1997	Instituto Evaldo Lodi (IEL)	Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo (REUNE)	Disseminar o ensino de empreendedorismo nas universidades mineiras	IEL – MG, Sebrae – MG, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia e Fundação João Pinheiro

Fonte: Elaborado a partir de Dolabela (2000)

Cenário do Ensino do Empreendedorismo

Henrique e Cunha (2008, p. 121) enfatizam a dificuldade de obter um emprego formal de qualidade no presente ambiente socioeconômico do país é “uma estratégia de guerra para sua população”.

A diminuição da quantidade de oportunidades de trabalho ofertadas pelas grandes organizações; o crescimento das horas trabalhadas; a migração de pessoas em busca de qualidade de vida, das grandes cidades para as pequenas e médias cidades do interior; e a inspiração nos modelos de indivíduos que constroem empreendimentos a partir de idéias inovadoras; despertaram, segundo Andreassi e Fernandes (2010), o interesse das escolas pelo ensino do empreendedorismo como método de atração e retenção de aluno. Não apenas do aluno que deseja iniciar um negócio descreve Lopes (2012).

Pode se perceber que a educação empreendedora pode focar a formação do indivíduo ou focar naquele que se interessa por uma oportunidade e que estaria numa fase anterior à criação de um negócio; pode, ainda, voltar-se para os que já estariam na

fase de criação de um empreendimento e, até mesmo, para aqueles que estão em fases posteriores à criação e que estão preocupados com as estratégias para permanecer ativo ou expandir o negócio. (LOPES, 2012, p. 25).

Da mesma forma, Hisrich e Peters (2004) responsabilizam o reconhecimento da função essencial das micro e pequenas empresas na geração de empregos e na inovação, e a percepção de que as grandes empresas não proporcionam um espaço para a realização pessoal como responsáveis pela crescente atenção pela educação empreendedora.

Anteriormente, este interesse residia apenas em satisfazer os desejos do mundo corporativo com programas voltados para este fim. Henrique e Cunha (2008) acrescentam que o ensino do empreendedorismo se multiplica, abandona sua fase original, revigora-se nas diversas áreas do conhecimento e nos mais relevantes centros de graduação e pós-graduação do país e está em franco “processo de valorização”, conclui Lavieri (2010, p. 12).

Esta valorização comparam Guerra e Grazziotin (2012), acontece no curso de administração e, fundamentalmente, nos cursos referidos às novas tecnologias pressionados pelas mudanças em todos os setores do mercado de trabalho e pelo crescimento da relevância da micro e da pequena empresa no panorama mundial.

Diante disto, órgãos governamentais e não governamentais, universidades e escolas, entidades de classe e demais instituições estão se aproximando para incentivar o comportamento empreendedor em face, essencialmente, da sua relação com o desenvolvimento regional, relatam Schmidt e Bohnenberger (2009).

Estas diversas movimentações acerca do empreendedorismo bem como o volume de recursos investidos neste sentido direcionam o olhar acadêmico para a exploração da educação empreendedora. Porém, Novaes e Gil (2009, p.151) advertem que “as múltiplas manifestações de empreendedorismo indicam a necessidade de novas abordagens acerca do fenômeno empreendedor, que possibilitem o entendimento do processo empreendedor com base na experiência de vida e nas representações das pessoas”.

Nicolini (2000, p. 96) concorda que cenário, porém, ainda não é satisfatório. Para o autor, a lógica deste ensino segue a mesma lógica do ensino da administração: “a visão de sistema fechado”.

As instituições compartimentam o estudo das áreas e matérias que compõe a formação, instalando divisórias entre elas e impedindo a

todos observar a integração e a interdisciplinaridade das disciplinas. Os egressos, principalmente dos cursos de administração, aponta Lavieri (2010), têm pouca capacidade de raciocinar a organização como um todo e são despossuídos da flexibilidade hoje requerida.

Saem informados e não formados completa Nicolini (2000). Bons entrantes, dimensões curriculares e físicas adequadas e professores competentes não se transformam automaticamente, na conclusão do curso, em bons profissionais. Assim como Nicolini (2000), Dolabela (2000, p. 86) almeja "... a criação de uma cultura empreendedora em ritmo urgente... ultrapasse os limites da sala de aula".

Filion (2000) alerta que os projetos pedagógicos, do ensino fundamental ao superior, são desenvolvidos apenas em função dos empregos existentes sem considerar a vontade de empreender do estudante. Para o autor, "Todo o sistema de educação é concebido como se os empregos esperassem pelas pessoas no fim do percurso" (FILION, 2000, p.39).

Do mesmo modo, Hisrich e Peters (2004) apontam que os atributos e os modelos de educação ofertados não promovem as habilidades específicas vitais à geração de um novo negócio. As faculdades ensinam disciplinas e ferramentas gerenciais fragmentadas próprias para aqueles que procuram emprego nas grandes empresas. Os instrumentos próprios para enfrentar as circunstâncias que operam as pequenas e microempresas, meio ambiente dos empreendedores, são preteridos a favor instrumentos da administração corporativa, do plano de negócios e de conceitos gerenciais básicos. Como questiona Lavieri:

Qual é a utilidade de um Balance ScoreCard, uma ferramenta americana feita para simplificar a vida dos gestores de multinacionais e integrar estratégias de diversos níveis de uma grande empresa, para um pequeno empresário brasileiro? (LAVIERI, 2010. p. 10)

Este panorama, onde estão inseridas as instituições de ensino superior (IES) brasileiras, não corresponde às expectativas do empreendedorismo. Guerra e Grazziotin (2012, pág. 72) criticam este sentido da educação acadêmica do país de formar "reprodutores de tecnologia importada", fruto do legado do funcionalismo norte-americano, onde tudo está dirigido para a inclusão do ingressante

como um dos elementos que fazem parte de um mecanismo. Para Lopes (2012) as práticas ofertadas ao aluno envolvido no desenvolvimento pessoal são mais cruciais do que os tópicos das matérias.

Resultados

Os resultados da bibliometria estão divididos em: busca por expressão ou palavra, busca por autores, busca por revistas e busca por anais. A Tabela 3 apresenta a busca por expressão ou palavra.

Tabela 3: Busca por expressão ou palavra

Expressão ou palavra-chave	Total de Artigos	Artigos selecionados
Educação empreendedora	1	1
Empreendedorismo	69	3*
Empreendedor	55	0
Educação	207	0
Empreender	38	0
Título: empreendedorismo + Assunto: educação	0	0
Título: educação + Assunto: empreendedorismo	1	1*

* O mesmo artigo aparece como resultado da busca.

Apesar das expressões relacionadas à empreendedorismo, empreendedor e empreender destacarem uma quantidade considerável de artigos, a Tabela 3 revela o reduzido número de artigos referentes à educação ou ensino do empreendedorismo.

A Tabela 4 analisa a busca por autores.

Tabela 4: Busca por autores

Autores	Artigos selecionados	Ocorrências
Eda Castro Lucas de Souza	4	2
Ivan de Souza Dutra	4	2
José Carlos Assis Dornelas	4	2
Ronald Degen	4	2

A Tabela 4 seleciona os principais autores desta pequena amostra sobre o tema educação empreendedora. Os destaques da

tabela são Ronald Degen, professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, introdutor do ensino de empreendedorismo no Brasil em 1981 na referida instituição, autor do livro *O Empreendedor* e o professor da Universidade de São Paulo, José Carlos de Assis Dornelas, um dos maiores especialistas brasileiros em empreendedorismo e autor de várias obras sobre o tema, entre elas, *Criação de novos negócios*, *Empreendedorismo na prática*, *Empreendedorism*., transformando ideias em negócios e *Empreendedorismo Corporativo*.

A Tabela 5 ilustra a busca por revista.

Tabela 5: Busca por Revistas

Revistas	Artigos selecionados	Ocorrências
Journal of Business Venturing	4	2
Journal of Small Business Management	4	2

As revistas norte-americanas, revela a Tabela 5, são fontes importantes acerca do assunto. Este aspecto reforça a história da educação empreendedora que distingue os Estados Unidos como seu berço.

A Tabela 6 ilustra a busca por anais.

Tabela 6: Busca por Anais

Anais	Artigos selecionados	Ocorrências
ENANPAD	4	2

A Tabela 6 retrata os encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração como a principal arena para discussão do ensino do empreendedorismo no Brasil. Esta consequência fortalece a origem da educação empreendedora e sua associação com a ciência da Administração desde seu princípio.

É possível encontrar na base de dados utilizada, SciELO, inúmeros artigos sobre empreendedorismo ou empreendedor. Porém, quando se trata da educação empreendedora ou do ensino do empreendedorismo a produção ainda é ínfima. Este resultado evidencia a opinião de Novaes e Gil (2009), Nicolini (2000), Lavieri (2010), Dolabela (2000), Fillion (2000), Hisrich e Peters (2004), Guerra e Grazziotin (2012) e Lopes (2012): embora a atenção a respeito do tema cresce, a produção de conhecimento e, conseqüentemente, a

discussão sobre o assunto por parte dos personagens em torno dos quais se desenvolve toda a massa crítica, as IES, está longe de atender às demandas da sociedade como um todo.

Considerações finais

Na conjuntura atual de hipercompetição, encarada pelas organizações desde seus primórdios, o empreendedorismo concede poderes aos indivíduos. Esta delegação cria valor e traz aumento da produtividade para a coletividade: as pessoas são “sócias” dos empreendimentos tanto nos riscos e no uso eficiente dos recursos quanto nas recompensas e na maximização dos resultados, porque o sistema proporcionado pelo empreendedorismo promove, assim, o alcance dos objetivos pessoais bem como os organizacionais.

Para Melo (2012), quanto maior esta hipercompetição entre a atividade manufatureira nacional e a indústria internacional, maior a urgência em aprimorar as variáveis que aumentam a competitividade da manufatura brasileira, principalmente a educação.

Este cenário promove a convergência entre espírito empreendedor e educação e no centro do palco, como protagonistas, as IES. Para que as faculdades não entreguem seus egressos a um mercado implacável como este, Henrique e Cunha (2008, p. 21) defendem a criação de uma metodologia de ensino do empreendedorismo que eles não “se sintam intimidados em ultrapassar os limites das salas de aula em virtude de tais adversidades”.

Lopes (2010) reconhece que a metodologia precisa unir métodos tradicionais - como, por exemplo, a preparação de planos de negócios - e modernos - como, por exemplo, a experimentação na efetiva criação de pequenas empresas, o assessoramento de empreendedores e empresas reais e o intercâmbio com a comunidade de negócios locais. Enfim, práticas que possibilitam os estudantes aprender vivendo situações mais próximas da realidade das empresas.

De acordo com Fillion (2000, p.27) “o ensino do empreendedorismo apresenta desafios fascinantes nos próximos anos”, dentre eles a inclusão da inovação nos currículos de formação dos empreendedores.

A conexão com a inovação transforma a educação empreendedora num recurso primordial para conquistar vantagens competitivas (MELO, 2012), independente do segmento de atividade (DOLABELA, 2000). Para gerar uma sociedade coesa que viabilize a presença de uma cultura empreendedora, Dolabela (2000) recomenda

elevar a atenção e a inclusão dos indivíduos no ensino empreendedorismo no Brasil.

Filion (2000) descreve que o espírito empreendedor está presente em todos os lugares de forma natural, original, simples. Conforme o autor, o potencial empreendedor do brasileiro é um dos principais recursos naturais da humanidade.

Este estudo salienta a importância das IES na formação de cidadãos empreendedores. O caminho para a inovação e para enfrentar a redução de empregos proveniente da nova realidade global passa, obrigatoriamente, por elas e pelas micro e pequenas empresas. Entretanto as IES brasileiras precisam se preparar para o ensino do empreendedorismo.

Tanto os autores utilizados para o embasamento teórico da pesquisa quanto àqueles levantados pela bibliometria ressaltam que é necessário modificar as metodologias, as ferramentas e os currículos a fim de desenvolver competências e habilidades empreendedoras nos alunos. A lógica da falta de interdisciplinaridade, da divisão do conteúdo em pedaços de um todo, da sala de aula como único espaço de aprendizagem e da visão do egresso como empregado de empresa precisa de urgente inversão.

Referências

ANDREASSI, T.; FERNANDES, R. J. R. **O uso das competições de planos de negócios como ferramenta de ensino de empreendedorismo.** In: LOPES, R. M. A. (Orga.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Cap. 9. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

BUFREM, L.; PRATES, Y. **O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação.** Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil, 34, mar. 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/682>. Acesso em: 14 Nov. 2012.

CORDEIRO, M. P. **Bibliometria e Análise de Redes Sociais: possibilidades metodológicas para a Psicologia Social da Ciência.** Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, Minas Gerais, vol. 2, n. 1, 2009. Disponível em < <http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais/article/view/16/38> > Acesso em 14 nov. 2012.

DOLABELA, F. C. D. C. **O ensino do empreendedorismo: panorama brasileiro.** In: Empreendedorismo: ciência, técnica e arte / Instituto Evaldo Lodi. Cap. 4. Brasília: CNI. IEL Nacional, 2000.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo cooperativo.** 2. reimp. da 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios.** 10. reimp. da 1. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

FILION, L. J. **O empreendedorismo como tema de estudos superiores: panorama brasileiro.** In: Empreendedorismo: ciência, técnica e arte / Instituto Evaldo Lodi. Cap. 4. Brasília: CNI. IEL Nacional, 2000.

FERREIRA, A. A.; REIS, A.C. F.; PEREIRA, M. I. **Gestão Empresarial: de Taylor aos nossos dias.** São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. 3 reimp. São Paulo: Atlas, 2010.

Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil: 2011 \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; autores: Tales Andreassi... [et. al] -- Curitiba: IBQP, 2011.

GUERRA, M.J.; GRAZZIOTIN, Z.J. **Educação empreendedora nas universidades brasileiras.** In: LOPES, R.M. A. (Orga.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Cap. 4. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

HENRIQUE, D.C.; CUNHA, S.K. da. **Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais.** RAM, Rev. Adm. Mackenzie, São Paulo, vol. 9, n. 5, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712008000500006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 out. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712008000500006>.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo.** 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

KAST, F. E.; ROSENZWIEG, J. E. **Organização e administração: um enfoque sistêmico.** 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1980.

KATZ, J. A. **The chronology and intellectual trajetctory of American entrepreneurship education: 1876-1999.** Journal of Business Venturing, vol. 18, n. 2, 2003.

KWASNICKA, E. L. Introdução à administração. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LAVIERI, C. Educação...empreendedora? In: LOPES, R.M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. cap. 1. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LOPES, R.M. A. Referenciais para a Educação empreendedora. In: LOPES, R.M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. cap. 1. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

LAKATOS E.M., MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAXIMIANO, A.C.A. Introdução à administração. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2004.

MELO, A. de. A educação básica na proposta da Confederação Nacional da Indústria (CNI) nos anos 2000. Educação e Pesquisa, São Paulo, vol. 38, n. 1, mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 out. 2012. Epub 21-Out-2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011005000003>.

NICOLINI, A.M. A graduação em administração no Brasil: uma análise das políticas públicas. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação. Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3628/000303976.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 out. 2012.

NOVAES, Marcos Bidart Carneiro de; GIL, Antonio Carlos. A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas. RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online), São Paulo, vol. 10, n. 1, fev. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712009000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 out. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712009000100007>.

PINCHOT III, G.. Intrapreneuring: Por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor. São Paulo: Harbra, 1989.

SCHMIDT, Serje; BOHNENBERGER, Maria Cristina. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. Rev. adm. contemp., Curitiba, vol. 13, n. 3, set. 2009. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552009000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 out. 2012.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-65552009000300007>.

TAYLOR, F.W. Princípios de administração científica. 8. ed. 13. reimp. São Paulo: Atlas, 2008.